

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas

Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-377-4 DOI 10.22533/at.ed.774190506 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Pensar nas discussões referentes ao ensino linguagem na escola significa criar as possibilidades de reflexão aos sujeitos em uma proposta interacional com as mudanças que ocorrem constantemente na sociedade.

A identidade deste livro caracteriza os trabalhos organizados como necessários ao processo de formação dos indivíduos. Sendo assim, nesta coletânea são apresentados quarenta estudos aos interlocutores atentos com as mudanças literárias, artísticas e sociais.

No primeiro capítulo, os autores compreendem as estratégias de incentivo à leitura de professores de Língua Portuguesa, de vários níveis da educação básica e com diferentes períodos de atuação. O segundo capítulo, por sua vez, discute e analisa o poema *Profundamente*, de Manuel Bandeira e o cotidiano que adquire significação simbólica no poeta. No terceiro capítulo, os autores identificam e estudam as danças e folguedos tradicionais brasileiros a partir da temática gênero.

A autora do quarto capítulo analisa a aprendizagem da escrita em português do sujeito surdo e as implicações na trajetória social. No quinto capítulo, o gênero textual Capa de CD é analisado pelos autores e no sexto capítulo o autor define discursivamente o conceito de gramática histórica, partindo da concepção clássica estabelecida por Ismael Coutinho com as abordagens de outros linguistas.

No sétimo trabalho, os autores discutem e refletem sobre as questões ortográficas no ensino do texto, perpassando por todas as etapas da feitura textual, além disso, analisam algumas produções. No oitavo capítulo, as autoras abordam a importância do professor na alfabetização das crianças de três a nove anos, sendo observada a necessidade do uso da fonética e fonologia no aprendizado do aprendiz. O autor do nono capítulo analisa a interação multilateral no ensino presencial mediado pela tecnologia do gênero discursivo digital videoconferência em aulas de linguagens para o ensino médio.

No décimo capítulo, os autores analisam a linguagem dos alunos em atividades de escrita colaborativa em um blog educacional para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa. No décimo primeiro capítulo, as autoras intencionam trazer pontos relevantes da história da educação e da escola como construção social, bem como pretendem lançar alguns olhares sobre a adolescência, etapa delicada na formação do sujeito. No décimo segundo capítulo, as autoras apresentam resultados parciais de uma pesquisa cuja finalidade parte da avaliação de uma unidade didática à luz dos gêneros textuais.

No décimo terceiro capítulo, a autora estabelece um diálogo entre a Análise do Discurso de linha francesa e o ensino de leitura de textos em língua materna. As autoras do décimo quarto capítulo analisam o vínculo intersemiótico de texto multimodal, em uma seção de leitura de um livro didático de Língua Portuguesa, dos anos finais do ensino fundamental. No décimo quinto capítulo, as autoras analisam as repercussões

que as avaliações externas apresentam na rotina da equipe pedagógica.

As autoras do décimo sexto capítulo compreendem o estabelecimento de um diálogo entre as mídias digitais e a formação do leitor. No décimo sétimo capítulo as autoras descrevem e analisam uma unidade didática do livro didático de Língua Estrangeira do Estado do Paraná para o ensino médio. No décimo oitavo capítulo o autor analisa as interações culturais entre cristãos e pagãos a partir do romance histórico *O Último Reino*, de Bernard Cornwell.

No décimo nono capítulo as autoras abordam o significado de nudez a partir de uma visualidade literária. No vigésimo capítulo, os dicionários monolíngues de aprendizes são o foco de análise e investigação. No vigésimo primeiro capítulo, os autores investigam a existência das figuras que desempenham tais papéis na obra *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Márquez.

No vigésimo segundo capítulo, os autores transitam entre definir e indefinir o conceito de espaço, ao mesmo tempo, que diferenciam de ambiente. No vigésimo terceiro capítulo são identificadas e analisadas algumas semelhanças e diferenças entre a obra literária *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. No vigésimo quarto capítulo a autora problematiza as danças de fanfarras, a partir de uma leitura crítico-reflexiva.

No vigésimo quinto capítulo é feita uma breve leitura analítica e interpretativa da narrativa do romance *Leite derramado*, de Chico Buarque. No vigésimo sexto capítulo uma análise de representações visuais é apresentada ao leitor. No vigésimo sétimo capítulo, os autores analisam, nos escritos montellianos, como se manifestam as identidades católica e protestante.

No vigésimo oitavo capítulo é apresentado um estudo sobre as estratégias de polidez linguística no discurso político de candidatos a prefeitos do município de Mocajuba. No vigésimo nono capítulo as autoras comungam de concepções discursivas advindas da Análise do Discurso e dos estudos culturalistas. No trigésimo capítulo, os autores problematizam o uso da internet a partir das habilidades de leitura e escrita.

No trigésimo primeiro capítulo, os autores relatam um projeto de extensão, com a função valorizar a cultura gaúcha, disseminado e promovendo-a entre a comunidade acadêmica. No trigésimo segundo capítulo, as autoras refletem sobre uma proposta de material didático pautada na observação dos usos da língua. No trigésimo terceiro capítulo, as autoras verificam a força das questões culturais, dos mitos, dos coloridos da mata em uma proposta interdisciplinar a partir de uma letra de canção.

No trigésimo quarto capítulo, a autora discute a temática letramento na concepção da aprendizagem semiótica. No trigésimo quinto capítulo a autora apresenta uma estratégia de aprendizagem de comprovado êxito em uma instituição escolar, localizada no município de Três Lagos – MS. No trigésimo sexto capítulo investigam-se as relações existentes entre a psicanálise e literatura, como o inconsciente desvela-se no discurso literário, tendo como *corpus* algumas obras literárias de Clarice Lispector.

No trigésimo sétimo capítulo, os autores discutem a formação da identidade

literária juvenil a partir de uma constituição poética. No trigésimo oitavo capítulo, a autora investiga através de trabalhos publicados como a ANPOLL promove um diálogo multicultural entre Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul. No trigésimo nono capítulo averigua-se o percurso da figuração do estrangeiro em dois romances e, por fim, no quadragésimo capítulo, os autores contribuem reflexivamente com o ensino de gêneros textuais na modalidade escrita nas aulas de língua estrangeira e, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo os autores associam o uso da plataforma Facebook em um processo dialógico destino aos alunos no contexto contemporâneo escolar.

Todos os autores ampliam as reflexões presentes nesta obra e revelam as razões de demonstrarem os conhecimentos aos interlocutores desta coletânea. Assim, esperamos que os leitores encontrem nos variados trabalhos os questionamentos capazes de problematizar outros e novos conhecimentos.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“ELES NÃO GOSTAM DE LER”: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE INCENTIVO À LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Isabela Giacomini Laila Wilk Santos Lucas Arruda Tacla Theodora Rosskamp Kalbusch Rosana Mara Koerner	
DOI 10.22533/at.ed.7741905061	
CAPÍTULO 2	17
‘PROFUNDAMENTE’ EM MANUEL BANDEIRA: UM OLHAR INTERPRETATIVO	
Vitor Hugo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7741905062	
CAPÍTULO 3	28
“BRINCANDO DE SER MULHER”: UM ESTUDO SOBRE TRAVESTILIDADES NAS DANÇAS E FOLGUEDOS TRADICIONAIS BRASILEIROS	
José Roberto do Nascimento Junior Ana Cecília Vieira Soares	
DOI 10.22533/at.ed.7741905063	
CAPÍTULO 4	36
A APRENDIZAGEM DA ESCRITA E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DO SUJEITO SURDO	
Miriam Maia de Araújo Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.7741905064	
CAPÍTULO 5	47
A FOTOGRAFIA COMO COMUNICAÇÃO, EXPRESSÃO E ARTE: UMA ANÁLISE DA CAPA DO CD CORAÇÃO DE JOHNNY HOOKER	
Renan da Silva Dalago Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.7741905065	
CAPÍTULO 6	57
A GRAMÁTICA HISTÓRICA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Adílio Junior de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7741905066	
CAPÍTULO 7	70
ORTOGRAFIA NO ENSINO DO TEXTO	
Ivan Vale de Sousa Maria Elizete Melo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7741905067	

CAPÍTULO 8	82
A IMPORTÂNCIA DA ARTICULAÇÃO DO PROFESSOR NA ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 3 A 9 ANOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Letícia Saminez da Silva Jaina Milhomem Rezende Michelle Fonseca Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.7741905068	
CAPÍTULO 9	93
A INTERAÇÃO MULTILATERAL NO ENSINO DE LINGUAGENS MEDIADO PELA TECNOLOGIA DO GÊNERO DISCURSIVO DIGITAL VIDEOCONFERÊNCIA	
Naziozênio Antonio Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.7741905069	
CAPÍTULO 10	108
A LINGUAGEM DOS ALUNOS NA ESCRITA COLABORATIVA EM <i>BLOG</i> EDUCACIONAL PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Jaqueline Silva Santos Naziozênio Antonio Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.77419050610	
CAPÍTULO 11	124
ADOLESCÊNCIA E ESCOLA: ALGUNS OLHARES	
Maria Rute Depoi da Silva Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050611	
CAPÍTULO 12	132
ALFABETIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: UMA ABORDAGEM PELOS GÊNEROS TEXTUAIS	
Luci Piletti Niedermayer Carmen Teresinha Baumgartner	
DOI 10.22533/at.ed.77419050612	
CAPÍTULO 13	144
ANÁLISE DO DISCURSO E FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliana Alves Greco	
DOI 10.22533/at.ed.77419050613	
CAPÍTULO 14	151
APLICAÇÃO DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL NA ANÁLISE DE UM TEXTO MULTIMODAL	
Jeniffer Streb da Silva Noara Bolzan Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77419050614	
CAPÍTULO 15	159
AS AVALIAÇÕES EXTERNAS E SUAS REPERCUSSÕES NA ROTINA DA EQUIPE PEDAGÓGICA	
Letícia Mendonça Lopes Ribeiro Priscila Adriana Silva Sacramento Janaína Arostilde Belmiro	
DOI 10.22533/at.ed.77419050615	

CAPÍTULO 16	172
AS CRIANÇAS DA ERA DAS MÍDIAS DIGITAIS E SUAS RELAÇÕES COM A LEITURA LITERÁRIA	
Francisca Rodrigues Lopes Elizangela Silva de Sousa Moura Liliane Rodrigues de Almeida Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.77419050616	
CAPÍTULO 17	182
AS FÁBULAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES	
Eliana Santiago Gonçalves Edmundo Ana Paula de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.77419050617	
CAPÍTULO 18	199
AS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE VIKINGS E SAXÕES DO OESTE NA OBRA O ÚLTIMO REINO DE BERNARD CORNWELL	
Lucas Luiz Oliveira Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.77419050618	
CAPÍTULO 19	208
ATRAVÉS DE LINHAS E MANCHAS PULSAM AS SENSações: A PINTURA DE LUCIAN FREUD E O DESNUDAMENTO DO SER	
Rochele Maria Borelli Bernadette Maria Panek	
DOI 10.22533/at.ed.77419050619	
CAPÍTULO 20	220
CAPACIDADES E LIMITAÇÕES DOS DICIONÁRIOS DE APRENDIZES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Laura Campos de Borba	
DOI 10.22533/at.ed.77419050620	
CAPÍTULO 21	236
“CEM ANOS DE SOLIDÃO”, DE GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ : A TEORIA DAS PERSONAGENS	
Matheus Luamm Santos Formiga Bispo Milena Menezes Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77419050621	
CAPÍTULO 22	245
DA CONSTRUÇÃO À RECONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: O ESPAÇO CONFIDENCIAL EM <i>CABIDELIM</i> , <i>O DOCE MONSTRINHO</i> , DE SYLVIA ORTHOF	
Luciana Petroni Antikeira Chirzóstomo Wagner Corsino Enedino	
DOI 10.22533/at.ed.77419050622	
CAPÍTULO 23	255
DA LITERATURA PARA O CINEMA: A ADAPTAÇÃO DA OBRA A HORA DA ESTRELA	
Ray da Silva Santos Débora Wagner Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050623	

CAPÍTULO 24	270
DANÇAS DE FANFARRAS: UMA LEITURA CRÍTICA	
Erika Kraychete Alves	
DOI 10.22533/at.ed.77419050624	
CAPÍTULO 25	274
DECADÊNCIA E MEMÓRIA EM LEITE DERRAMADO, CHICO BUARQUE	
Dulce Maurilia Ribeiro Borges	
DOI 10.22533/at.ed.77419050625	
CAPÍTULO 26	287
DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES MULTIMODAIS DO MOVIMENTO “PANELAÇO” NO CONTEXTO POLÍTICO DO BRASIL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Eni Abadia Batista	
DOI 10.22533/at.ed.77419050626	
CAPÍTULO 27	304
ENTRE A FÉ E OS CONFLITOS: AS FACES DA IDENTIDADE CRISTÃ EM OS DEGRAUS DO PARAÍSO, DE JOSUÉ MONTELLO	
Thiago Victor Araújo dos Santos Nogueira	
Paloma Veras Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.77419050627	
CAPÍTULO 28	317
ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ LINGUÍSTICA NO DISCURSO POLÍTICO DE CANDIDATOS A PREFEITOS DO MUNICÍPIO DE MOCAJUBA-PA	
Elber José Alves Corrêa	
Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.77419050628	
CAPÍTULO 29	328
ÍNDIO SURDO E EDUCAÇÃO BÁSICA EM SUAS (DES)IDENTIFICAÇÕES: UM ESTUDO DE CASO	
Michelle Sousa Mussato	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.77419050629	
CAPÍTULO 30	343
INTERNET, LEITURA E ESCRITA:UM DESAFIO MEDIADO PELO PROFESSOR DE LÍNGUA ADICIONAL	
Daiane Ventorini Pohlmann Michelotti	
Virginia Ponche Barbosa	
Alessandro Carvalho Bica	
DOI 10.22533/at.ed.77419050630	

CAPÍTULO 31	352
INVERNADA ARTÍSTICA CHÃO BATIDO – CULTIVANDO A TRADIÇÃO GAÚCHA: UM PROJETO DE EXTENSÃO REALIZADO EM 2016	
<p>Ana Paula Palharini Daniel Verbes Padilha Deise Pieniz Casagrande Maico Mantovani Tolfo Mylla Keenan Acosta Maiara Bertl</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050631	
CAPÍTULO 32	356
LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDO NA INTERFACE DOS GÊNEROS DIGITAIS E DA MULTIMODALIDADE	
<p>Nágida Maria da Silva Paiva Iara Ferreira de Melo Martins Ana Cláudia Soares Pinto</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050632	
CAPÍTULO 33	369
LETRA DA CANÇÃO: “SAGA DA AMAZÔNIA”: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR	
<p>Márcia Antonia Guedes Molina Valéria Angélica Ribeiro Arauz</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050633	
CAPÍTULO 34	382
LETRAMENTOS E APRENDIZAGEM SEMIÓTICA: POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS NA ESCOLA	
<p>Áurea Maria Brandão Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050634	
CAPÍTULO 35	392
LITERATURA E OUTRAS ARTES: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES	
<p>Vitória Regina Xavier da Silva</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050635	
CAPÍTULO 36	406
LITERATURA E PSICANÁLISE: A PRESENÇA DO INCONSCIENTE NA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR	
<p>Ray da Silva Santos Sara Goretti Ferreira Daiane Menezes Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050636	
CAPÍTULO 37	419
LITERATURA JUVENIL E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE EM “ <i>CECÍLIA QUE AMAVA FERNANDO</i> ”: CONHECENDO A SI ATRAVÉS DO OUTRO	
<p>Eliene da Silva Dias Diógenes Buenos Aires Sandra Helena Andrade de Oliveira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050637	

CAPÍTULO 38	431
MAPA DE INSTITUIÇÕES LINGUÍSTICO-LITERÁRIAS NA REVISTA DA ANPOLL	
Mariana Argolo Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050638	
CAPÍTULO 39	443
MAPAS DO ENCONTRO ENTRE O PRÓPRIO E O ALHEIO – CARTOGRAFIAS DA ALTERIDADE NA NARRATIVA DE ADRIANA LISBOA E ANA MIRANDA	
Aina de Oliveira Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.77419050639	
CAPÍTULO 40	456
MATERIAIS DE PRODUÇÃO ESCRITA NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA – ELE A ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	
Carlos Eduardo da Silva	
Cristina Corral Esteve	
DOI 10.22533/at.ed.77419050640	
CAPÍTULO 41	468
AS FACETAS DA CONTEMPORANEIDADE. O DIALOGISMO DIGITAL PARA OS ALUNOS: O FACEBOOK E A POESIA VIRAL	
Regimário Costa Moura	
Ana Cristina dos Santos	
Raquel Araújo Luna	
Rideusa Caroline Correia do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.77419050641	
SOBRE O ORGANIZADOR	476

DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES MULTIMODAIS DO MOVIMENTO “PANELAÇO” NO CONTEXTO POLÍTICO DO BRASIL

Juliana Ferreira Vassolér

UnB – Programa de Pós-Graduação em
Linguística
Brásilia - DF

Eni Abadia Batista

UnB – Programa de Pós-Graduação em
Linguística
Brásilia - DF

RESUMO: Este artigo apresenta análise de representações visuais como elemento central de intertextualidade nas publicações de revistas midiáticas e discute como os discursos, mesmo que permeados de metáforas, contribuem para a construção de representações sociais e identidades. A metodologia é qualitativa (descritiva e interpretativa) e a análise concentra-se em um *corpus* constituído por um texto selecionado de publicações veiculadas no mês de maio de 2016, no jornal “ACapa”. Trata-se de um jornal cuja característica constitui-se em uma primeira e única página que condensa a notícia em título e imagens. Para o estudo, considera-se como base teórica pressupostos da Análise de Discurso Crítica (ADC), (FAIRCLOUGH, 1996, 2003), da Teoria de Atores Sociais (van LEEUWEN, 1997) e da Semiótica Social (KRESS, 2010) e sobre os conceitos de metáfora (LAKOFF E JOHNSON, 2002). Os resultados demonstram que o

texto analisado carrega marcas de ideologias que veiculam relações de poder, tanto dos produtores do texto quanto dos receptores. Traz informações que têm consequências materiais, pois mobiliza e faz provocações sociais, além de sugerir uma identificação do leitor com a classe social representada, que absorve aspectos do contexto e sugere a existência de empoderamento e de consciência política da classe média, embora seja negligenciada. De acordo com os pressupostos da Gramática do Design Visual, o texto expõe uma representação conceitual por meio de uma metáfora visual retratada por uma panela que evidencia atributos e identidades marcadas pelo contexto sociopolítico.

PALAVRAS CHAVE: Representação Social; Metáfora; Discurso; Semiótica Social.

1 | INTRODUÇÃO

Nas interações contemporâneas, o texto passou a ser constituído por diferentes modos semióticos que constroem significados em colaboração mútua. Essas transformações colocam em evidência o texto multimodal como escolha para as produções das mais variadas formas de comunicação.

Segundo Kress e Van Leeuwen (1996, 2006), todos os textos ou produções escritas

são sempre materiais com componente multimodal. Assim, para os autores, a escrita é tanto semiótica visual como linguística. Desse modo, enquanto o discurso pode congrega as informações implícitas com os aspectos sociais e com os estados emocionais, é também carregado de significados que são linguisticamente codificados. Nessa perspectiva, as formas de comunicação trazem características que imprimem várias semioses. Um texto multimodal, portanto, que contém palavras e imagens pode ser interpretado, em parte, por meio das categorias criadas pela Gramática Visual (GDV) de Kress e Van Leeuwen (1996, 2006).

A pesquisa com textos multimodais e sobre o modo como os leitores orientam-se em relação a esses textos pressupõe a competência para relacionar significados a contextos sociais particulares e buscar modos alternativos de representação, pois a sociedade contemporânea exige uma nova configuração de práticas textuais.

Nesse contexto, e considerando que o texto multimodal apoia-se em diversos recursos semióticos na elaboração do sentido, este artigo analisa representações visuais como elemento central de significados em publicações midiáticas e discute como os discursos são permeados de metáforas e contribuem para a construção de identidades. Para isso, adota os pressupostos teóricos da Multimodalidade de Kress (2010), da Análise de Discurso Crítica de Fairclough (1996, 2003, 2010), da Gramática Visual de Kress e van Leeuwen (1996, 2006) e de Metáforas da vida cotidiana, conforme Lakoff e Johnson (2002).

O artigo propõe a análise de publicações do jornal “ACapa”, que se descreve como “um jornal sem jornal” e se classifica como “a primeira página que você não vê no jornal que você lê”. A distribuição do jornal ocorre somente na web por meio das redes sociais.

A seleção do *corpus* seguiu critérios tais como o de ser um texto multimodal, veiculado exclusivamente nas redes sociais de comunicação via web e o de fazer referência ao movimento político denominado “panelaço”.

Os procedimentos metodológicos que caracterizam o estudo estão fundamentados numa pesquisa de cunho qualitativo para realizar a seleção do corpus e para o desenvolvimento da análise que está concentrada na descrição discursiva dos dados e dos significados dos recursos semióticos. Considerando que “[...] análise discursiva é aquela que se ocupa de interpretação dos fenômenos e da atribuição de significados” (BRASILEIRO, 2013, p 49), constitui-se, portanto, adequada para este estudo.

Em harmonia com a pesquisadora, Neves (1996) indica a abordagem qualitativa para esse tipo de estudo, pois, segundo o autor, é uma modalidade de pesquisa que “[...] compreende diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados” (NEVES, 1996, p.1), além disso, oferece condições para considerar o eixo interpretativo do pesquisador como referencial.

Com base nessas diretrizes, selecionamos um texto do jornal ACapa, publicado em maio de 2016, cuja temática traz referências ao movimento social denominado

“panelaço” para constituir o *corpus* do estudo.

2 | CONTEXTUALIZAÇÃO

As publicações selecionadas constituem-se como produções discursivas do jornal “ACapa” cujo traço marcante é o uso de metáforas visuais em suas representações sociais. O texto foi produzido no contexto político-social de grande transformação, no qual o processo de julgamento de *impeachment* da presidente do Brasil, Dilma Rousseff, tramitava na Câmara dos Deputados.

Diante do evento pouco comum, a sociedade civil brasileira articulava-se com manifestações generalizadas de grupos a favor e contra o *impeachment* em várias cidades. Na Câmara dos Deputados, após votação calorosa, iniciava-se o processo de *impeachment* que afastou a presidente e, como consequência, o vice-presidente Michel Temer assumiu a presidência até que o Senado, em votação plenária, definisse o *impeachment*. Paralelamente, corria no Superior Tribunal Federal o processo de afastamento do Presidente da Câmara, Eduardo Cunha, por ser réu em uma ação penal por envolvimento em corrupção.

3 | CIRCUITO VISUAL DISCURSIVO – CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Para empreender a análise, algumas proposições teóricas precisam ser demarcadas como a Teoria Semiótica Social Multimodal, a Gramática do Design Visual, a Análise de Discurso Crítica (ADC), bem como o conceito de identidades e de metáforas.

Os participantes do processo de comunicação demonstram grande interesse na dinâmica de produção dos significados e elaboram representações cuja interpretação se realiza com base nas experiências sociais e políticas motivadas por contextos diversos.

As representações são elaboradas com base na relação de colaboração entre um conjunto de signos socialmente compartilhados e os diversos modos semióticos. Nesse entendimento, a Semiótica Social, defendida inicialmente por Hodge e Kress (1988) e mais tarde por Kress (2010), expande o preceito para TSSS (Teoria Semiótica Social Multimodal). A TSSS considera os significados socialmente construídos por meio de formas semióticas, de textos e de práticas semióticas de todos os modos que emergem da sociedade, em contextos diversos e em todos os momentos da história humana. É nesse viés que surge a nomenclatura multimodalidade.

Na perspectiva da Teoria Semiótica Social Multimodal (Kress, 2010), os significados são gerados pelo contexto social e organizados em sistemas de representação socialmente estabelecidos. Assim, todos os textos são multimodais e construídos pelas representações discursivas. Nesse processo circular, encontra-se o nível semiótico da representação que considera o objeto em um dado contexto de situação e de cultura,

e o nível semiótico da comunicação que examina a expressão dos atores sociais em um determinado encadeamento de ideias dentro de certo contexto.

Kress e van Leeuwen (1996) definem representação como um processo no qual o produtor de um signo busca um recurso semiótico que esteja conectado com o seu interesse e com a sua história cultural, social e psicológica, e que esteja focalizado em um contexto específico da produção. Desse modo, a percepção da dimensão social é indispensável para a compreensão e análise dos processos e estruturas das diversas formas de linguagem e de seus sistemas de significado. É nesse sentido que surgem os estudos multimodais.

Acerca do tema, Vieira e Ferraz (2011) explicam que a multimodalidade compreende a produção de signos e significados como uma “ação social realizada em determinado contexto de uso no qual o interesse do produtor determina a forma de representação” (VIEIRA; FERRAZ, 2011, p.13). Para as autoras, tanto o estudo do texto como o do discurso deve ser considerado como sistema semiótico multimodal, organizado como produto do contexto social, estabelecido em campo histórico-político e pelas estruturas de poder que revelam aspectos ideológicos.

Assim, a produção de textos vislumbra uma riqueza no fluxo de recursos disponíveis como imagens, sons, cores e outros modos de estruturação dos textos os quais exigem novas regras de análise, e nesse círculo visual, a leitura multimodal transcende a semiótica clássica. Apoiada em Kress (2010), Batista (2014) escreve que:

[...] a prática de concentrar-se a textualidade nas questões sociais e na sua leitura é princípio básico da Semiótica Social Multimodal bem como da Análise de Discurso Crítica, pois chama a atenção para todas as formas de significação de atividades do meio social, especialmente no campo da política e das estruturas de poder, nas quais há distintos interesses por parte daqueles que produzem textos. (BATISTA, 2014, p. 10).

Dessa forma, é possível entender que o ponto central da Teoria Semiótica Social Multimodal é o significado implícito nos recursos utilizados nas produções como processo de construção social, imerso em dinâmicas culturais e ideológicas.

As representações visuais são, portanto, consideradas ideologicamente motivadas e os discursos são constituídos por vários modos semióticos, enquanto que o estudo e a análise de textos compreendem a perspectiva semiótica que implica a multimodalidade. Nesse sentido para o estudo e análise da imagem, é necessário observar as representações visuais.

Tal como o pensamento de Kress e van Leeuwen (1996) e Kress (2010), para Santaella e Nöth ([1997], 2014 p.15), não há representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que a produziram, do mesmo modo como não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais.

Desse modo, a representação pode ser vista como descrição ou como simulação da realidade. A função interpretativa seria a relação do leitor com o contexto, que se

configura como sistema social de conceituação, no qual os significados são estabelecidos socialmente, impulsionando a criação de novos ícones e o desenvolvimento de representações que instituem cada vez mais novas metáforas.

Para Lakoff e Johnson (2002), o sistema social de conceituação parte fundamentalmente de recursos utilizados de forma extensa na vida cotidiana e, assim, surgem as metáforas. São construídas por meio de uma imagem mental cujos signos representam o ambiente visual. Os autores explicam que as metáforas não são aleatórias, mas se estabelecem com coerência exteriorizada ao signo e torna-se culturalmente determinada. Assim, a experiência e os valores fundamentais de uma cultura se constituem coerentes com as estruturas das metáforas das quais a sociedade utiliza.

As metáforas para Lakoff e Johnson (2002) classificam-se em: (i) ontológicas, (ii) estruturais, (iii) orientacionais. As metáforas ontológicas nos permitem compreender certas experiências e estabelecer relações entre eventos, atividades, emoções, ideias como entidades e substâncias. Permitem uma grande variedade de propósitos, como referir-se; quantificar; identificar aspectos; identificar causas; traçar objetivos e motivar ações, entre tantos outros. Muitas vezes, nem percebemos esses tipos de construções como metáforas, pois elas estão presentes na nossa vida cotidiana.

As metáforas estruturais, segundo os autores, são necessárias para relacionar conceitos que compreendem a experiência humana. São tão naturais que, usualmente, são tomadas como evidência de um fenômeno de descrição direta. São usadas para compreender eventos, ações, atividades e circunstâncias da condição humana.

No que se refere às metáforas orientacionais, os autores indicam que elas se relacionam com orientação espacial como, por exemplo, em cima, embaixo, dentro, fora, frente, profundo, raso, central, periférico entre outros. Essas orientações espaciais são apresentadas como não motivadas e transcendentemente da experiência física e cultural dos atores sociais a quem se referem. São listadas como uma prática discursiva que se naturaliza na vida cotidiana de uma sociedade como, por exemplo, a expressão “para cima” que significa “feliz”; “para baixo” que pode ser uma metáfora para a situação de “tristeza”. Há muitas expressões com significados estabelecidos pelos discursos que permeiam a sociedade como: “consciente” pode estar relacionado a quem está para cima; “inconsciente” a quem está para baixo; cheio de “saúde e vida” pode também significar para cima; “doença e morte” pode significar para baixo; “bom”, para cima; “mau”, para baixo, entre outros.

Assim, os conceitos, conforme as descrições, contribuem para o estudo da construção de discursos nos quais a imagem se funde com a representação semiótica, por meio do discurso verbal, estabelecendo metáforas e criando identidades nas relações sociais que são motivadas por ideologias e por manifestações de poder, em conformidade com os estudos de ADC de Fairclough (1996, 2003).

Segundo Fairclough (2003), uma análise com enfoque nos significados representacionais deve considerar três categorias básicas: os processos, que se

referem ao modo como os participantes agem nos eventos sociais; os participantes, que podem ser representados pessoal ou impessoalmente, como agentes ou pacientes, ou ainda, podem ser nomeados de acordo com a classe ou categoria a que pertencem; além das circunstâncias de tempo e lugar. Fairclough (2003) defende que:

Para analisar os textos, sob a perspectiva representacional, é necessário verificar quais processos, participantes e circunstâncias estão incluídos na representação dos eventos observados, quais elementos foram excluídos, aos quais foi dada maior importância; se o evento social está representado de forma concreta ou abstrata e qual é o nível de generalização da representação. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 135-136, tradução livre).

Diante dessa visão, e aproximando-se das leituras dos processos ideológicos e de poder, a percepção da dimensão de análises, políticas, historicizadas e críticas é uma habilidade que se torna necessária nas sociedades contemporâneas.

A utilização da linguagem na esfera da prática social é determinada por fatores históricos, culturais e das estruturas de poder. Assim, o discurso seleciona e transforma esses elementos de acordo com os interesses do contexto. Portanto, a transformação do discurso depende do conhecimento dos participantes e é realizada por ações específicas baseadas nas referências intimamente ligadas às experiências e práticas sociais.

O discurso não só constitui versões de práticas sociais como legitima ou critica práticas que podem ser contextualizadas. Sob essa perspectiva, Kress e van Leeuwen definem o discurso como:

Conhecimentos socialmente construídos sobre alguns aspectos da realidade [...] é desenvolvido em contextos específicos nos quais são sempre apropriados aos interesses sociais dos atores, sejam eles externos (Europa Ocidental) ou não (uma família em particular), contextos explicitamente institucionalizados (jornais) ou não (conversa informal no jantar). (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 4, tradução livre).

O discurso assim considerado avigora a convicção de que o texto como evento discursivo concebe significados, advindos das maneiras como ele figura em práticas sociais e nos modos de representar, de interagir e de ser. As motivações discursivas são constituídas por meio de elementos representados e das práticas sociais que os legitimam, especificamente no que se refere aos efeitos em lutas hegemônicas.

Sob o entendimento de que o processo de significação faz parte das práticas discursivas e sociais, o campo dos estudos multimodais investiga o trabalho intersemiótico entre as modalidades da linguagem, em diálogo com esses significados. Essa perspectiva, assim organizada, traz como ponto central das análises, a ideia de que as estruturas visuais assemelham-se às estruturas linguísticas. A respeito desse aspecto, destaca-se que a organização dialógica tem como base na noção de significado, antes preconizado por Halliday (1994) como função. a) função ideacional; b) função interpessoal; c) função textual. Essas funções foram adaptadas por Kress e van Leeuwen (1996) para os estudos da linguagem visual como: a) metafunção referencial; b) metafunção interpessoal; c) metafunção composicional, respectivamente.

A noção de função e de metafunção da linguagem mais tarde, portanto, foi recontextualizada em Fairclough (2003), enfocando os significados do discurso como significados representacional, identificacional e acional, conforme quadro abaixo:

LSF (Halliday, 1991)	GDV (Kress e van Leeuwen 1996)	ADC (Fairclough 2003)
Função Ideacional →	Metafunção Referencial →	Significado Representacional
Função Interpessoal →	Metafunção Interpessoal →	Significado Identificacional
Função Textual →	Metafunção Composicional →	Significado Acional

Quadro1: Relações ente LSF, GDV e ADC

Adaptação da LSF na GDV e recontextualização na ADC, elaborado pelas autoras.

A equivalência indicada no quadro se pauta no papel que a linguagem desempenha na vida das pessoas como atores sociais, nas necessidades e interesses nos quais ocorrem o processo de significação como parte da constituição das práticas sociais.

A perspectiva semiótica, em diálogo com as metáforas, com as formas de representação e a ADC, concentra-se em perceber os modos como os recursos semióticos são utilizados no texto multimodal para compreender como a produção de significados ocorre intrinsecamente ligada às escolhas sociais, às marcas políticas, às lutas de poder e, por isso, essa tríade teórica constitui-se balizadora para a análise do texto selecionado.

4 | O ARRANJO DOS SIGNIFICADOS NO CORPUS

O texto escolhido para análise faz parte do jornal “ACapa”, publicado no dia 05 de maio de 2016. Esse jornal descreve-se como “um jornal sem jornal” e classifica-se como “a primeira página que você não vê no jornal que você lê”.

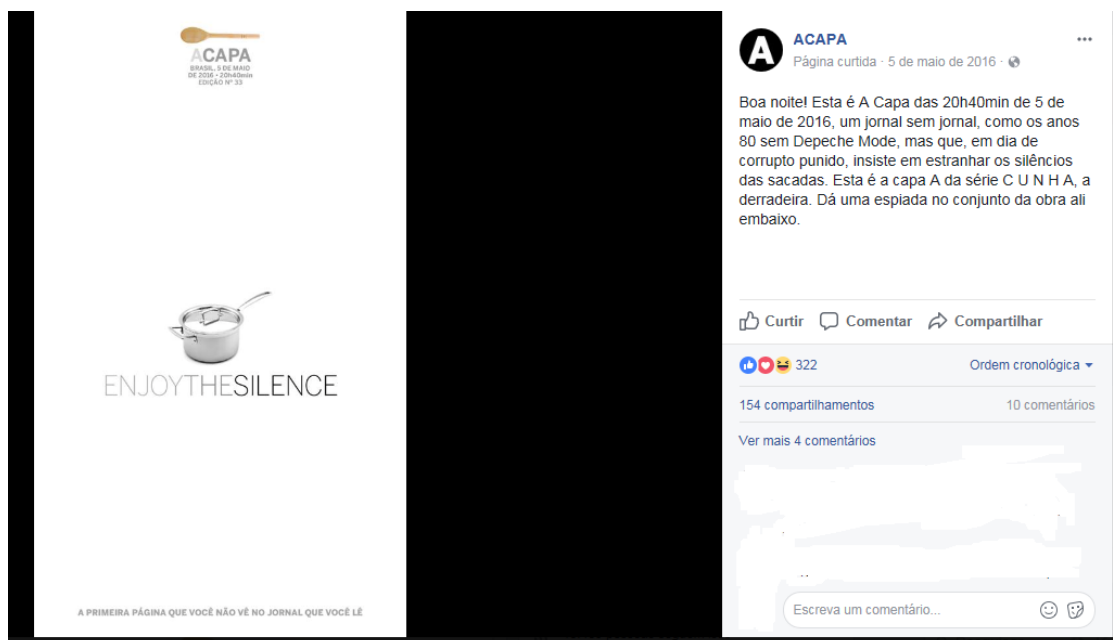
O meio de distribuição do jornal “ACapa” são as redes sociais como o *Facebook* (www.facebook.com/acapabr), *Instagram* (www.instagram.com/acapabr), *Twitter* (www.twitter.com/acapabr), *Tumblr* (www.acapabr.tumblr.com), *Pinterest* (www.pinterest.com/acapabr), *Snapchat* (*acapabr*), *Email* (acapabr@gmail.com) e *Site* (<http://www.acapabr.tumblr.com>).

O jornal “ACapa” foi fundado em 23 de março de 2016. Apresenta conteúdo pautado nos acontecimentos atuais da sociedade e, a maior parte deles, com enfoque político, sem abrir mão da criatividade peculiar da expressão visual e também jornalística. Cabe ao leitor inferir conexões entre o conteúdo da capa e a realidade dos noticiários e manchetes de outros jornais.

A opção de análise, dessa maneira, centra-se na construção de significados, permeados pelas metáforas visuais que estão representadas no recorte específico do jornal que foi publicado no *Facebook*, em 05 de maio de 2016.

A seguir, empreendemos a análise do *corpus* selecionado, iniciando à luz da Gramática de Design Visual, em seguida, Análise de Discurso Crítica e, por fim, as considerações relacionadas às metáforas da vida cotidiana com enfoque nos significados representacionais, apontados no decorrer da análise.

Análise: O que pode ser visto na panela?



Texto 1 - ACapa, 05 de maio de 2016

(fonte: <https://www.facebook.com/acapabr/photos>)

À esquerda, há poucas palavras escritas e o destaque foi dado à imagem da panela, objeto comum na sociedade brasileira, utilizado especificamente, até a conjuntura histórica representada no texto, para cocção de alimentos. À direita, o destaque é para o texto verbal transcrito a seguir.

“Boa noite! Esta é ACapa das 20h40min de 5 de maio de 2016, um jornal sem jornal, como os anos 80 sem Depeche Mode, mas que, em dia de corrupto punido, insiste em estranhar os silêncios das sacadas. Esta é a capa A da série C U N H A, a derradeira. Dá uma espiada no conjunto da obra ali embaixo”.

Análise à luz da Gramática do Design Visual



Figura 1 – Circuito visual

Iniciamos pelo recorte do texto ilustrativo, especificamente multimodal, o qual foi denominado, com intuito de destaque do tópico, como “circuito visual”. O texto em questão apresenta relação de complementariedade entre o texto escrito e a imagem centrada na **panela**, que foi entendida por nós como representação metafórica de uma classe social brasileira.

No texto da figura 1, observa-se a imagem de uma panela que representa a metáfora da classe média brasileira.

Quanto ao significado representacional

À luz da GDV, as metafunções realizam suas representações dentro de esquemas específicos. Assim, considerando a metafunção **representacional**, a exemplo da estrutura linguística, a representação dos participantes, incluindo os “abstratos”, em termos de seres, coisas e lugares em interação, envolvidos em processos que trazem significados a serem apreciados como ação e acontecimento e transformação.

Portanto, a representação dos *participantes*, ao lado de outros elementos composicionais e estruturantes como os *processos* e as *circunstâncias*, nos textos multimodais, exercem funções léxico-gramaticais com o objetivo de significar o modo semiótico a que se propõem.

Com base nessa concepção, Kress e van Leeuwen (1996, 2006) apontam em termos de estruturas visuais como **narrativas** e **conceituais**. As narrativas

caracterizam-se pela dinamicidade, pois se inserem na experiência material de mundo do fazer e do acontecer.

De acordo com os autores, as estruturas narrativas relacionam-se com as ações dos **participantes** que podem ser coisas ou pessoas e que se caracterizam por estruturas visuais as quais se realizam por meio de processos de ação e de reação, sejam mentais e/ou verbais.

Quanto às estruturas **conceituais**, elas são estáticas, desprovidas de relações espaciais e direcionais, cujos participantes são representados com significações de forma atributivas e a elas podemos atribuir valores. Situam-se na experiência de ser e de existir no mundo, conforme Kress e van Leeuwen. (2006, p. 59).

O foco está na imagem analisada se estabelece então, nos **atributos e identidades** dos **participantes** e suas características configuram-se a partir da disposição de sua apresentação em uma relação de parte ou todo e de detalhamento do pano de fundo, cores e do contexto histórico de criação.

Considerando, então, os conceitos de Kress e van Leeuwen, na Figura 1, o **participante** representado em destaque é uma panela. Essa representação é tipicamente **conceitual**, pois indica um processo de relação entre a identidade (o que é?) e a noção de pertencimento de classe social (quem a usa?) que adota tal objeto para manifestações políticas (para que a usa?). No caso, pode-se inferir que os atributos do objeto representado estão relacionados à atuação política de certa classe social. A representação que ocorre com apenas uma panela tampada e isolada, no centro do texto, nos conduziu ao processamento da interpretação de um posicionamento passivo e enfraquecido, especialmente, nessa data de publicação.

A representação **conceitual** da panela ocorre por **processo simbólico** e faz referência ao movimento social denominado **panelaço**. Os panelaços são manifestações, previamente organizadas, de cunho crítico ao governo e nesse movimento a população, sentindo-se insatisfeita, exige mudanças nas lideranças políticas. Atualmente, as redes sociais são usadas como o principal meio de comunicação para que as pessoas se articulem em manifestações dessa natureza. O texto imagético estabelece uma relação de complementariedade com o texto de apoio escrito que vem na sequência.

Quanto ao significado interacional

No que se refere aos **recursos visuais**, Kress e van Leeuwen (2006) apontam que a metafunção **interacional** instancia relações entre produtor, produto e observador, podendo ocorrer na forma escritor, texto, leitor, extensivo a todas as formas alusivas à produção e recepção de texto

No desempenho de seu papel, o produtor constrói a representação a ser interpretada pelo leitor que traduz os possíveis significados apresentados pelas imagens, conforme os contextos sociais em que são utilizadas. Assim, as relações de interação significam-se, conforme as realizações visuais, como o **contato** (oferta ou

demanda), a **distância social** (plano fechado e plano aberto), a **perspectiva** (frontal, oblíquo e vertical) e **valor** (natural e sensorial), em acordo com a GDV de Kress e van Leeuwen. (1996, 2006).

A **perspectiva** frontal e a **dimensão** reduzida da panela pode indicar uma atitude subjetiva do produtor do texto em relação ao caráter ideológico que estabelece distanciamento do participante representado em relação aos manifestantes que a utilizam.

Há também a possibilidade de observar o cabo da panela que aparece em ângulo oblíquo, no posicionamento diagonal em relação ao leitor. Isso pode ser analisado como a intenção de direcionar o olhar do leitor da direita para a esquerda e de cima para baixo num movimento descendente, tendo em vista que a maior proporção do objeto representado, mesmo estático, encontra-se nessa direção. Parece ser um indício de que o movimento panelaço inicia o processo da decadência política do país.

Quanto á composição do texto

A Metafunção composicional, segundo os pressupostos de Kress e van Leeuwen (1996, 2006), descreve a organização espacial dos elementos, observando valores informacionais que podem ser representados pelo recurso do enquadramento, **moldura**; **saliência** e **projeção**, com base no posicionamento dos elementos como **esquerda** ou **direita** em uma relação de **dado** ou **novo**; **topo** ou **base**, em relação ao que é **real** ou **ideal**; **centro** ou **margem** com relação à informação **principal** e informação **complementar**; na relação entre os elementos da imagem como **interligadas** ou **segregadas**; nas estratégias para dar maior ou menor destaque a certos elementos como **tamanho**, **cores** e posicionamento em **primeiro** e **segundo plano**.

No que se refere às categorias composicionais que se apresentam na figura 1, observa-se que a **cor** do plano de fundo é o branco e a cor esmaecida, acinzentada da imagem da panela parece revelar certo enfraquecimento da mobilização civil. No **centro** da moldura está posicionada a imagem destaque da panela, em primeiro plano, por ser a informação principal do evento que idealizou a criação do texto: o panelaço.

Ainda quanto ao **posicionamento**, a centralidade da panela sugere a metáfora como informação **nova** e o texto “*Enjoy the silence*” como a informação **dada**.

Quanto ao texto escrito, está claro, centralizado ao topo da página, revelando a circunstância de tempo (em maio de 2016) e espaço (Brasil) e é nesse contexto que o evento se desenvolve. O texto “*Enjoy the silence*” é complementar à imagem e faz referência ao posicionamento político da classe social retratada, complementa a ideia representada pela panela tampada como a classe social silenciada.

Quanto à categoria das **cores**, observa-se que o enunciado aparece em escala de cinza em tons esmaecidos, denotando enfraquecimento e negligência de qualquer reação da classe social representada diante do evento político situado no texto escrito introdutório.

A escala de cinza do enunciado evolui até a cor preta, dando destaque à palavra “*silence*”. Esse destaque pode ser compreendido como referência e reforço à omissão, à indiferença e à inércia da classe média brasileira naquele momento político. Aqui, observa-se um certo caráter de julgamento subjetivo interpelado pelo produtor do texto que de forma ambígua e irônica questiona o posicionamento dos participantes.



Além disso, a colher e pau que acompanha o nome do jornal, no topo da página, representa a marca dos próprios produtores do texto, o que sugere um protesto por meio da ação de bater a colher nas panelas como forma de manifestar seu descontentamento com a inércia da sociedade brasileira em relação ao contexto social e político do país.

Panelinha social: uma metáfora orientacional

Lakoff e Johnson (2002) consideram que as metáforas estão diluídas no pensamento e na vida cotidiana e são materializadas por meio da linguagem. De acordo com os autores, a metáfora reproduz algo presente na consciência, duplica sua representação num contexto diferente do usual e recorre à imaginação para estabelecer a relação semiótica entre o fato apresentado e o contexto de apresentação.

A metáfora consiste, então, em uma imagem mental que envolve processos de assimilação do signo que representa o objeto de referência, em uma relação de significação que ocorre entrelaçada ao contexto e que aciona na mente do leitor concepções da realidade.

Sob essa perspectiva, no texto em análise, a representação da panela está para as classes sociais como a simulação de uma relação reflexiva e transitiva da realidade. O signo ‘panela’ remete a uma imagem mental e relaciona o seu conceito ao barulho como aspecto desse signo, o que direciona a relação metafórica entre a panela e determinada classe social brasileira e reporta também ao “panelaço”.

O jornal e a classe média, ambos, se identificam com o movimento do “panelaço”, uma vez que a colher de pau corresponde ao jornal. Isso ocorre em um processo de representação mental verbal e visual que é articulado no âmbito discursivo como uma atividade inerente aos textos e discursos sociais.

A apresentação das imagens da panela e da colher de pau não pode servir como meio de reflexão sobre elas mesmas, mas amparam-se no texto verbal para a construção do significado metafórico. Ambos, imagem e texto, estão intrinsecamente

ligados numa relação de complementariedade.

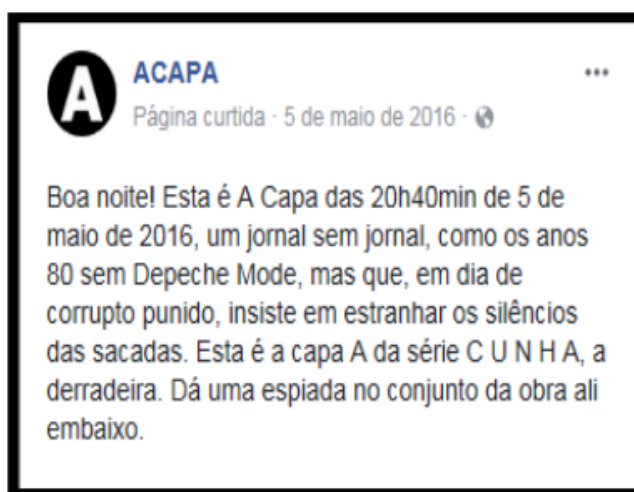
Segundo as categorias das metáforas orientacionais listadas por Lakoff e Johnson (2002), a que se relaciona ao texto analisado é “ter controle ou força é para cima; estar sujeito a controle ou força é para baixo”. A metáfora estabelecida na imagem sugere força política e controle da situação concentrada na imagem da panela e transfere o poder de decisão para os participantes representados: o jornal e a classe média.

A opção, portanto, de utilizar, as panelas para fazer barulho como forma de protesto é positivo, é para cima, é a reação que se espera da classe média brasileira. Ou ainda que, tomar para si uma colher de pau como instrumento de provocação é para cima, significa atitude positiva, ao passo que deixar a panela tampada, silenciada é para baixo, significa uma atitude negativa.

O que tem na panela?

Toma-se como objeto de análise o seguinte texto introdutório transcrito abaixo:

“Boa noite! Esta é ACapa das 20h40min de 5 de maio de 2016, um jornal sem jornal, como os anos 80 sem Depeche Mode, mas que, em dia de corrupto punido, insiste em estranhar os silêncios das sacadas. Esta é a capa A da série C U N H A, a derradeira. Dá uma espiada no conjunto da obra ali embaixo.”



O texto faz referência à *Depeche Mode*, uma banda inglesa de música eletrônica e *rock* dos anos 80. A referida banda lançou em 1990 uma música intitulada *Enjoy the Silence*, um das canções mais bem sucedidas da banda, no álbum *Violator*, na qual os autores fazem alusão à trivialidade das palavras. O título da música serviu de inspiração para a composição da capa do jornal de 05 de maio de 2016. Também relaciona a necessidade de um jornal para relatar todos os acontecimentos políticos e sociais daquele dia. Isso é observado na expressão “um jornal sem jornal, como os anos 80, sem *Depeche Mode*”. Além disso, o texto faz alusão ao contexto político do dia 05 de maio de 2016, no qual o deputado federal Eduardo Cunha que foi afastado do cargo de Presidente da Câmara pelo Superior Tribunal Federal por ser réu em uma ação penal com o trecho “esta é a capa A da série CUNHA”. Ainda com a expressão

“em dia de corrupto punido”, o texto sugere a possível condenação de Cunha na ação penal em que, naquele momento, ainda era julgado.

O jornal, nessa produção, evoca também o movimento “panelaço” direcionando sua convocação às “sacadas” no trecho “insiste em estranhar os silêncios das sacadas”.

O olhar da Análise de Discurso Crítica

Para os estudos do discurso, Fairclough (2001) explica que uma abordagem discursiva crítica está pautada não só na descrição da prática discursiva, mas também ao mostrar como o discurso é moldado por relações de poder e ideologias e os efeitos construtivos que o discurso exerce sobre as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e de crença.

Nessa perspectiva, o jornal faz uso da intertextualidade e evoca termos de uso em outros meios sociais como em manifestação popular, estabelecendo uma interação entre o jornal e a classe média na medida em que os representa como uma panela esmaecida e tampada, metáfora para a classe média brasileira e uma colher de pau como a logomarca do jornal.

O termo intertextualidade foi aplicado por Fairclough (2001), para assegurar a sua potencialidade para a ADC, pois, segundo o autor, “não há enunciado que de uma maneira ou de outra não reatualize outros” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 133) e, é dessa forma que ocorre a reestrutura de convenções existentes como o caso da “panela”.

O texto multimodal, mediado pelas redes sociais, com a característica apresentada pelos editores de “ACapa” implica uma criteriosa seleção dos leitores que terão acesso aos significados do conteúdo. Isso ocorre não só pelo meio de veiculação do jornal, mas também pelas referências e inferências sugeridas pela composição dos textos. Como por exemplo, a menção à banda *Depeche Mode* e às sacadas vazias.

Essa pode ser considerada uma estratégia discursiva que seleciona o perfil do leitor que poderá ter amplo acesso à informação e aos processos de significação do texto. O posicionamento indica a disposição política e ideológica dos produtores do texto e marginaliza os leitores e cidadãos que não têm acesso ou que discordam desse ponto de vista, pois insinua certo empoderamento da classe média e da mídia.

Sob a ótica dos estudos do discurso, o evento social representado é o “panelaço” no qual os participantes mostram-se ora em posição passiva quando retratados pela panela tampada e silenciada, ora como ativos quando reproduzidos pela colher de pau que incita uma provocação.

Esses atributos reforçam uma significação social e ideológica estável no contexto histórico no qual as manifestações populares de oposição ao governo se mostram bastante polarizadas e conduzem à inferência de uma luta de classes e, por vezes, parecem um tanto manipuladas pela mídia. São manifestações que se pode questionar a legitimação enquanto ato político consciente e direcionado. É como se os participantes não tivessem dimensão da real motivação e envolvimento com a realidade política do

país. Esta incongruência está de acordo com o que pensam Machin e van Leeuwen (2007) ao afirmarem que as mensagens refletem as diferenças, as incongruências e os embates presentes na sociedade.

Ainda, com base na ADC, Fairclough (2003) elucida que estilos são maneiras de identificar a si e aos outros, o que pressupõe identidades sociais e individuais. No encadeamento do texto, os atores sociais são representados por uma panela tampada e uma colher de pau como forma de recontextualizar a negligência da classe média no que se refere à circunstância política do país e à provocação que o jornal faz a esta classe. Assim, a metáfora da panela delinea o perfil de identidade dos participantes, e também instiga a reflexão sobre a coerência entre as articulações das manifestações populares. Essas identidades dependem do contexto e influem uma oposição na sociedade na qual de um lado é considerado um grupo de nível elevado de empoderamento e consciência política e de outro está o grupo marginalizado. Tal posicionamento pode tornar a diversidade completamente invisível e pode ser um julgamento falho, na medida em que aponta apenas um ponto de vista, uma única categoria capaz de resolver o problema, o que segrega e exclui os cidadãos que não fazem parte da classe social representada, demandando, assim, práticas sociais de poder.

Sob o ponto de vista da produção e distribuição do texto, este foi institucionalmente organizado por um editor e por jornalistas colaboradores do jornal que definem estratégias e meios de consumo do texto, utilizando signos e significados culturalmente envolvidos e constituídos por meio de composições de conotação, metáforas e ironias. Logo, esse é um texto para fins de consumo por certa condição de leitores. São textos criados e propagados para servir a interesses e necessidades de poder e/ou empoderamento de instituições sociais. No entanto, há que se intuir qual foi o interesse e para que serve esta forma de representação em textos.

Consideramos que textos como esse trazem informações que tem consequências materiais e políticas, pois instrumentalizam mobilizações, e fazem provocações, além de sugerir uma identificação do leitor com o estrato social representado.

E POR FALAR EM PANEAS... ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As publicações midiáticas fazem frequente uso de textos multimodais e para compreendê-las é preciso articular e interpretar a conjunção dos diversos modos semióticos que o texto apresenta com as condições de produção e situá-las no contexto social, histórico e político.

Os significados operam simultaneamente, nos textos multimodais, indicando padrões de experiência, interação social e posições ideológicas imbricadas nas escolhas acerca da realidade que é representada. O modo como essas representações se constituem no plano verbal e visual costuma ser permeado de metáforas as quais contribuem para a construção de identidades sociais.

Dessa forma, os recursos semióticos utilizados no *corpus* analisado induzem aos processos ideológicos de poder, evidenciando um contexto de manifestação política, tanto dos produtores do texto quanto dos receptores. Este poder foi observado na articulação das metáforas com as representações imagéticas e linguístico-discursivas em um contexto social e político numa relação de complementariedade e de significados.

Embora os produtores do texto, ao optarem pela panela tampada e qualificarem os participantes por meio do enunciado “*enjoy the silence*”, insinuem passividade, o contexto de significação, tanto da metáfora visual, quanto do texto escrito, evoca o movimento de manifestação. Assim, foi possível observar uma ambiguidade de significação, pois uma evocação pode motivar indivíduos simpatizantes das mesmas crenças e comportamentos, elaborados com posicionamentos políticos semelhantes a aderirem ao “panelaço”. O jornal, entretanto põe em questionamento a inércia dos representados pela panela tampada e com base nesse entendimento, pode ocorrer a dúvida sobre em quem recai a responsabilidade e o controle da manifestação: sobre a classe média retratada pela panela ou sobre a imprensa representada pela colher de pau, ou, ainda, por ambas.

Nesse processo, uma determinada classe social, caracterizada pelo seu poder econômico, é colocada em evidência, em detrimento das demais classes sociais, o que pode ser qualificado como um modo de exclusão de parte da sociedade civil como aqueles que leem esse tipo de texto e os que não leem o jornal “Acapa”.

REFERÊNCIAS

ACAPABR. Disponível em < <http://www.facebook.com.br/acapabr>>. Acesso em 16 e maio. 2016.

BATISTA, E. A. **Identities of docentes brasileiros e suas representações discursivas em charges**. 191 páginas. Tese de Doutorado em Linguística, Univesidade de Brasília (UnB), Brasília. 2014.

BRASILEIRO, A. M. M. **Manual de produção de textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Atlas, 2013.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London, New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília- UnB, [1992], 2001.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, [1996] 2006.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication**. London: Arnold, 2001.

KRESS, G. **Multimodality: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication**. New York: Routledge, 2010.

- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- MACHIN, D.; van LEEUWEN, T. **Global genres**. In: MACHIN, D.; van LEEUWEN, T. *Global Media Discourse: a critical introduction*. London and New York: Routledge, 2007.
- SANTAELLA, L.; NOTH, W. **Imagem como representação visual e mental**. In: SANTAELLA, L.; NOTH, W. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2014.
- VAN LEEUWEN, T. **A representação dos atores sociais** In: PEDRO, E. R. *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica funcional*. Lisboa: Caminho, 1997.
- VIEIRA, J. A. **Novas perspectivas para o texto: uma visão multissemiótica**. In: *Reflexões Sobre a Língua Portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis, Vozes, 2007.
- VIEIRA, J. A.; FERRAZ, J. A. **Percursos e avanços do texto multimodal: novas perspectivas na contemporaneidade**. In: *Discursos Contemporâneos em Estudo* v.1, n.1. 2011.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-377-4



9

788572 473774